

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO SEXUAL DE EX-PARTICIPANTES DO PROJETO DE EXTENSÃO “E AÍ?! EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO MÉDIO”

THE CONCEPTIONS OF SEX EDUCATION PROVIDED BY THE FORMER PARTICIPANTS OF THE OUTREACH PROJECT “WHAT’S UP?! SEXUAL EDUCATION IN HIGH SCHOOL”

Submissão:
17/08/2023
Aceite:
13/11/2023

Thais Emilia de Campos dos Santos¹  <https://orcid.org/0000-0001-5620-3307>
Luciana Aparecida Nogueira da Cruz²  <https://orcid.org/0000-0003-3931-1060>
Beatriz Karen de Melo³  <https://orcid.org/0009-0007-3726-1211>

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar as concepções sobre Educação Sexual de jovens ex-participantes do projeto de extensão “E aí?! Educação sexual no ensino médio”, voltado para questões de Educação sexual, resultado de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Inicialmente, foram levantados artigos eletrônicos publicados entre 2018 e 2022 e documentos referentes à educação sexual. Como instrumento, foi elaborado um questionário no modo formulário online, respondido por ex-participantes do projeto de extensão “E aí?! Educação sexual no Ensino médio”, que tem como foco a sexualidade saudável entre adolescentes de duas escolas públicas estaduais. Responderam ao instrumento 17 jovens. As respostas foram analisadas e concluímos que a Educação Sexual, para além do ensino conteudista de prevenção de ISTs/HIV e gestação, envolvendo atividades reflexivas que visam a construção da autonomia sexual, mostraram realmente impactar de modo positivo como os participantes desse projeto extensionista e estudantes lidam com sua própria sexualidade e o autocuidado.

Palavras-chave: adolescência; sexualidade; educação sexual; alunos multiplicadores; extensão universitária.

¹ Professora substituta do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista - UNESP emilia.santos@unesp.br

² Professora assistente do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista - UNESP luciana.cruz@unesp.br

³ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP beatriz.karen@unesp.br

Abstract

This article aims to present the conceptions of sexual education provided by young people who were former participants of the outreach project “What’s Up?! Sexual Education in High School” which is the result of a qualitative research on sexual education. Initially, it was carried out a research on electronic articles published between 2018 and 2022, and on documents about sexual education. As an instrument, it was used an online questionnaire, filled in by the former participants of the outreach project “What’s up?! Sexual Education in High Education” which focuses on healthy sexuality among adolescents from two state public schools. It was responded by 17 young people. The responses were analyzed and it was possible to conclude that Sexual Education, in addition to the teaching content of STI/HIV and pregnancy prevention, involving reflective activities aimed at building students sexual autonomy, demonstrated to have a positive impact on how the participants of this project and the students deal with their own sexuality and self-care.

Keywords: Adolescence; Sexuality; Sexual Education; Peer Educators; Outreach.

Introdução

O Brasil apresenta números alarmantes de violência sexual contra crianças e adolescentes. Houve, entre os anos de 2011 e 2017, um aumento no número de notificações de abuso sexual contra crianças e adolescentes, respectivamente, de 64,6% e 83,2%; e 69,2% dos casos ocorreram no ambiente familiar e outros 4,6% ocorreram no ambiente escolar (BRASIL, 2018a). Segundo o site do governo do Brasil, os dados publicados no dia 18 de abril de 2020 mostraram que 73% das vezes a violência sexual aconteceu em casa, 40% cometida por pais e padrastos e 46% das vítimas são adolescentes entre 12 e 17 anos. Sendo assim, esses números apontam para uma epidemia de violência que ocorre principalmente dentro do ambiente familiar, e, por conta disso, esse não pode ser um problema a ser tratado apenas de forma polêmica, sem considerar a devida importância às violações de direitos de crianças e adolescentes.

Em pesquisa de revisão bibliográfica realizada por Almeida, Silva e Vieira (2020), constatou-se que a educação sexual, tanto no ambiente escolar quanto familiar, pode prevenir atos indesejáveis e situações de exposição a abuso, porém, não é determinante para que não ocorra violência sexual. Desse modo, uma estratégia de prevenção e combate à violência sexual é educar crianças e adolescentes para vivenciarem suas experiências e seu desenvolvimento sexual de forma saudável. E é na escola que os educadores têm a oportunidade de mostrar a importância da educação sexual, para evitar que aconteçam as violências, ajudar a identificar e denunciar crimes que impactam na saúde física e psicológica de maneira tão devastadora a vida das pessoas que sofrem violência sexual.

Sobre a relação da Educação sexual como fator protetor a redução de abuso sexual infantil e outras violências sexuais, Campos-Santos (2020b, p. 23) traz o relato:

Não recebi educação sexual, que fale claramente sobre prevenção de violência, de abuso sexual, que realmente proteja dos perigos que o sexo pode ser para as crianças. Demorei para aceitar que fui abusada sexualmente no início da puberdade, por um idoso conhecido da família, por eu não saber que o que ele estava fazendo era sexo. Achei estranho que aquele senhorzinho legal, que gostava de crianças, e me dava brinquedos sempre num

quartinho na casa dele, onde ele fazia brinquedos de madeira, levava-me para lá, sendo de total confiança da família e lá me colocava no colo e mostrava os brinquedos na mesa. Um dia ele começou a me acariciar além do normal e prendeu as minhas pernas nas pernas dele com força e apalpou violentamente meu peito (não tinha seio ainda, eu era bem infantil) e depois com seu pênis ereto, ele tentava passar em minha vagina por cima da roupa. Eu achei aquilo muito estranho e causou dor. Eu saio correndo e pensando que durante todo o ato desde o início das carícias, que talvez estivesse julgando-o mal, que a culpa era minha em pensar, que aquele senhor tão bonzinho, estava fazendo algo de ruim comigo.

Além de possibilitar a prevenção e ajudar na identificação e denúncias de violência sexual, a educação sexual também previne gravidez não planejada e Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs. Estudo com 6.118.205 mães adolescentes que tiveram filhos nascidos vivos registrados, entre os anos de 2008 e 2019, no Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – SINASC, do Ministério da Saúde, apontou que 296.959 (4,86%) tinham idade entre 10 e 14 anos e 5.821.246 (95,14%) idade entre 15 e 19 anos. A maior proporção de mães adolescentes foi entre as que se autodeclaram indígenas e pardas, com os menores percentuais entre as Brancas. Estas apresentam maior percentual entre aquelas, com 12 anos ou mais de instrução (GÓES et al., 2023).

Em 2020, cerca de 380 mil partos foram de mães com até 19 anos de idade, o que corresponde a 14% de todos os nascimentos no Brasil. Os números são do SINASC e foram compilados no projeto “Gravidez e Maternidade na adolescência - um estudo da coorte de 100 milhões de Brasileiros”, desenvolvido por uma equipe de profissionais do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para a Saúde (CIDACS-Fiocruz).

Não só a gravidez precoce é uma grande consequência da falta de acesso à informação, como também o contágio das ISTs. Segundo o boletim epidemiológico de Infecção do Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV e da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – AIDS, publicado em dezembro de 2020, entre 2009 e 2019 aumentaram os casos de HIV/AIDS em jovens entre 15 e 19 anos de idade (BRASIL, 2020). Estes dados evidenciam o quão são importantes e necessários os projetos de prevenção e intervenção com adolescentes e jovens.

A implantação dos primeiros programas de educação sexual em escolas brasileiras aconteceu na década de 1960. Esses programas tiveram influência de correntes médicas e higienistas da Europa, priorizando uma educação voltada ao combate à masturbação e ao contágio de Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs (RIBEIRO, 2004). Essa educação focava apenas nas condutas necessárias para uma reprodução saudável da espécie humana, não considerando os preconceitos, tabus, mitos e as dúvidas dos estudantes e da população como um todo.

Se os programas ou projetos de educação sexual nas escolas brasileiras já eram tímidos e focavam apenas em aspectos biológicos, com as recentes discussões sobre o papel da escola na formação de crianças e adolescentes surgidas no Brasil, abordar temas psicossociais sobre sexualidade na escola tem se tornado cada vez mais imprescindível.

As polêmicas giram em torno do que deve ou não ser ensinado pela escola ou família, envolvendo principalmente os temas relacionados à sexualidade, por conta da elaboração de projetos de Lei, como o n. 246/2019, mais conhecido como “Escola sem Partido” – ESP. Esse projeto de lei traz, em seu texto, que o professor não deve tratar de questões de natureza política, ideológica, moral, “especialmente moral sexual” (BRASIL, 2019, p. 4) e religiosa. Então, os professores, segundo os elaboradores e apoiadores deste projeto, devem ser neutros, porque o ensino dos assuntos citados é de

controle exclusivo dos responsáveis legais pelos alunos. Cabe a esses responsáveis decidir o conteúdo que crianças e adolescentes devem ou não ter contato no ambiente escolar, principalmente quanto à moral, à religião e às questões de sexualidade.

Quando falamos em prevenção, não estamos tratando de propagandas aterrorizantes sobre ISTs, assim como Ayres (2002) explica, elas criam uma dificuldade de encontrar semelhanças e motivações para que possam mudar seus hábitos. Precisamos de projetos que abordem temas ligados à sexualidade, em uma linguagem acessível aos adolescentes e que vai ao encontro das dúvidas, experiências e sentimentos vivenciados por eles. Projetos que discutem abertamente os temas não apenas sobre IST's, mas sobre autorrespeito e respeito com o outro, imagem de si e expectativas sociais, diversidade e preconceitos, entre tantos outros assuntos que surgem quando os adolescentes têm a oportunidade e a segurança de dizer o que pensa, sente e faz. E quando os próprios alunos são multiplicadores de conhecimentos entre seus pares, eles criam uma rede de informações verídicas e de qualidade (DAGUA *et al.*, 2015).

Para Campos (2015), a Educação Sexual nas escolas é uma temática muito complexa, pois não envolve apenas aspectos biológicos e reprodutores, mas faz uma intersecção com questões afetivas, antropológicas, sociais, culturais, políticas, legais, morais e religiosas. No geral, as escolas apresentam um discurso de educação sexual pautado numa moral religiosa e cristalizada em preceitos que contrariam a legislação, a qual prevê um ensino laico e democrático.

Neste sentido, pensar sobre o que seria uma conduta sexual adequada, nos princípios éticos, que propiciem a autonomia do adolescente, raramente está presente nos espaços escolares. Quando há um trabalho de Educação Sexual que traz um olhar crítico sobre a moralidade religiosa e a sexualidade, surgem muitas barreiras e conflitos nas equipes escolares. Deste modo, é preciso trabalhar educação sexual com base na psicologia da moralidade, abordando as dimensões intelectuais e afetivas para desenvolvimento sócio moral (PIAGET, 1932).

O Projeto extensionista “Educação para a saúde: lidando com as vulnerabilidades da adolescência” tem como base as teorias do desenvolvimento sócio moral de Jean Piaget (1932), para nortear o desenvolvimento da autonomia sexual dos alunos participantes, entendendo autonomia sexual como:

[...] o desenvolvimento de conhecimentos sobre sexualidade que possam possibilitar decisões positivas para vida sexual saudável dos adolescentes, desenvolvendo o autorrespeito e autocuidado com a saúde física e emocional, possibilitando a reflexão das dimensões da psique afetivas e intelectuais para a tomada de decisões. O respeito mútuo nos relacionamentos sexuais é o direito a cada um exercer sua sexualidade da forma como lhe traga mais felicidade, com saúde física e emocional. A cooperação é fator essencial, como por exemplo, no uso do preservativo, o direito e respeito à intimidade e privacidade entre os parceiros, sem violação da integridade e do direito da privacidade do ato sexual. A exposição de um ato não envolve somente uma pessoa, mas os parceiros, como nos casos que ocorrem nas redes sociais (CAMPOS, 2015, p. 91-92)

O projeto de extensão “E aí?!” iniciou em 2006, com o objetivo de trabalhar questões relacionadas às Infecções Sexualmente Transmissíveis e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. Nesse projeto de extensão, buscava-se formar agentes multiplicadores entre pares, ou seja, estudantes da universidade para prevenção do HIV e a gravidez não planejada; orientar para o uso consciente do preservativo e práticas de sexo seguro; aproximar os alunos das Unidades Básicas de Saúde – UBS, e sensibilizá-los para a testagem de HIV.

Havia uma parceria da Universidade com o “Programa Municipal de IST/AIDS”, que tem dois projetos direcionados para adolescentes e jovens adultos: “Prevenção Adolescentes” e “Prevenção Universitários”. O primeiro destina-se a escolas do ensino médio e anos finais do ensino fundamental. O segundo trabalha diretamente com a preservação da saúde de adolescentes e adultos jovens e se destina aos universitários.

Dessa forma, o “E aí?!”, em parceria com o programa “Prevenção Universitários”, teve como participantes alunos das licenciaturas de Letras, Matemática e Pedagogia, além de alunos de pós-graduação da UNESP, que, após capacitação oferecida pelo “Programa Municipal IST/Aids”, atuavam como multiplicadores entre os seus pares. O Projeto “E aí?!” foi expandido em 2012 para escolas de Ensino Médio, em parceria com o “Prevenção Adolescentes”, com o apoio de bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para alunos do Ensino Médio – PIBIC-EM, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Os objetivos são: apoiar a iniciação científica nas instituições de ensino e/ou pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica - IC; despertar a vocação científica e incentivar talentos entre estudantes; estimular maior articulação entre as instituições de pesquisa e as escolas; ampliar o acesso e a integração do estudante à cultura científica (CNPq, 2014).

No primeiro ano de atuação em escolas de Ensino Médio, levantamos as demandas dos alunos multiplicadores do ensino médio e da graduação, obtendo um indicativo da necessidade de se trabalhar para além de questões sobre IST’s/HIV. Os alunos da escola e da graduação, bem como os alunos multiplicadores, apontaram a necessidade de se trabalharem temáticas relacionadas a comportamento sexual, gênero, desempenho sexual, prazer e afetividade, ou seja, os aspectos psicológicos. Assim, um quarto das questões levantadas referiam-se a aspectos morais de consciência e autonomia sobre a sexualidade (CAMPOS; MARTINS, 2014), de modo que se ampliaram as temáticas trabalhadas no projeto.

A partir de 2013, o Projeto “E aí?” foi procurado por outras escolas de Ensino Médio do Município, tornando-se atividade extensionista e renomeado de “E aí?! Educação sexual no Ensino Médio”. As ações educativas realizadas pela equipe do projeto buscam diminuir as vulnerabilidades da adolescência, como a redução do consumo de álcool e/ou outras drogas ou total abstinência; a prevenção de ISTs/HIV, de gravidez não planejada e a desmistificação de mitos, preconceitos e tabus referentes à sexualidade humana.

Para além das demandas sobre sexualidade, o projeto passou a trabalhar em outras situações de vulnerabilidade, incluindo questões sobre consumo de álcool e outras drogas, corroborando um estudo realizado por Martins, Ribeiro e Nogueira (2019), que constatou que as taxas de depressão e o consumo de álcool entre jovens vêm aumentando significativamente ao longo dos anos.



Imagem: Acervo pessoal de alunos extensionistas bolsistas em stand de distribuição de preservativos e educação sexual

Como referido, atualmente, o projeto tem o título de “E aí?! - Educação para a saúde: lidando com as vulnerabilidades da adolescência”, e objetiva formar estudantes em multiplicadores para que eles sejam protagonistas no desenvolvimento de ações entre seus pares, sobre temas voltados à saúde do adolescente. As equipes do projeto são constituídas por alunos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Ensino Médio - PIBIC-EM (CNPq, 2021) e graduandos de cursos de licenciaturas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - IBILCE/UNESP. As atividades visam a promoção do protagonismo dos estudantes e, conseqüentemente, o desenvolvimento da autonomia moral (relações de respeito mútuo e valores morais, principalmente o valor à vida).

Deste modo, o objetivo do Projeto “E aí?! Educação para a saúde: lidando com as vulnerabilidades da adolescência” é realizar intervenções com equipes de multiplicadores no ensino médio, voltadas à saúde e qualidade de vida, a fim de prevenir vulnerabilidades na adolescência. A dinâmica de atividades ocorre sistematicamente uma vez por semana, em encontros de uma hora com a equipe para discutir temas ligados ao desenvolvimento da sexualidade, ao uso de álcool e outras drogas, em duas escolas do ensino público de São José do Rio Preto.

Desde 2013, passaram pelo projeto cerca de 30 alunos bolsistas PIBIC-EM, além de outros alunos, que atuaram como voluntários. Indagamo-nos se esses jovens que participaram do “E aí?!” consideram que as ações do projeto tiveram algum impacto ou influência em suas vidas e, para tanto, apresentamos como questões desta pesquisa: a) Os jovens consideram importante ter participado de

um projeto de educação sexual durante o ensino médio? b) Participar de um programa de iniciação científica durante o ensino médio impactou na formação dos jovens? c) A experiência e os conhecimentos adquiridos no projeto “E aí?!” têm algum impacto na vida dos jovens até hoje? d) Eles estão cursando ou já cursaram ensino superior? e) O que lembram das experiências vivenciadas durante a participação no projeto “E aí?!”.

Para tentar responder a essas questões, entramos em contato com os jovens que participaram do projeto “E aí?!” quando estavam no ensino médio, e os que concordaram em participar responderam a um formulário de entrevista. Por meio das entrevistas, buscamos conhecer as percepções deles sobre a participação no projeto.

Isto posto, o objetivo geral deste artigo é trazer a percepção dos jovens que participaram como bolsistas PIBIC – EM, do projeto de extensão “E aí?! Educação para a saúde: lidando com as vulnerabilidades da adolescência”, sobre a educação sexual e temas relacionados à sexualidade e a sua participação no projeto. Assim, buscamos investigar o impacto deste projeto extensionista na vida de ex-participantes.

Metodologia

O estudo é de abordagem qualitativa, com levantamento bibliográfico, utilizando-se artigos sobre o que se entende de educação sexual. De maneira eletrônica, realizamos entrevista com ex-alunos do ensino médio que participaram do projeto sobre educação sexual.

No levantamento bibliográfico, foram utilizados artigos disponibilizados em bases eletrônicas de dados, publicados em revistas indexadas nos últimos cinco anos, os quais subsidiaram o embasamento teórico deste estudo. Foi realizada entrevista de forma remota, por meio de recursos eletrônicos, como *WhatsApp* ou *Google Meet*, com participantes e ex-participantes de projeto sobre educação sexual do ensino médio público, constando o seguinte roteiro de perguntas:

Conte como foi a experiência de educação sexual da qual participou.

1. Você aprendeu algo importante nessa experiência? Se sim, o quê? Se não, o que poderia ter aprendido?
2. Depois dessa experiência, você se sente capaz de viver sua sexualidade de modo mais seguro, prazeroso e saudável? Por quê?
3. Depois dessa experiência, você se sente capaz de auxiliar ou ensinar seus pares em questões e situações relacionadas à sexualidade humana? Por quê?
4. Em algum momento da sua vida, fora ou dentro da escola, você usou o conhecimento que construiu durante a experiência? Descreva brevemente a situação.
5. O que você entende por sexualidade humana?
6. O que, para você, é sexo seguro?
7. O que, para você, é sexualidade prazerosa?
8. O que, para você, é sexualidade saudável?
9. Você gostaria de participar novamente de uma experiência de educação sexual? Por quê?
10. Você foi bolsista pelo PIBIC – EM? Se sim, por quanto tempo? E diga como foi ser bolsista de um projeto durante o Ensino Médio.

Os entrevistados também responderam a um questionário sociodemográfico para levantamento de informações gerais sobre os participantes da pesquisa.

A amostra inicial era composta por 38 jovens que participaram do Projeto “E aí?!” , durante o ensino médio, em uma das três escolas onde ele foi desenvolvido, quais sejam: Escola Estadual Professor Justino Jerry Faria (2013 até 2015), Escola Estadual Professor Jamil Khauan (2015 até o momento) e Escola Estadual Deputado Bady Bassit (2019 até o momento).

O convite para a participação aconteceu via redes sociais - WhatsApp e Instagram. Do total, 12 jovens não foram encontrados porque mudaram de contato; um foi excluído da amostra por ter participado apenas de uma reunião, e um por ser uma das pesquisadoras deste estudo. Além destes, 7 não responderam, o que totalizou 17 respondentes que aceitaram participar da pesquisa.

O critério de inclusão para responder a entrevista foi ter participado, durante o ensino médio, do projeto de extensão “E aí?! Educação sexual no Ensino Médio”, que é desenvolvido em escolas públicas estaduais desde o ano de 2013, como já referido neste artigo, sob a coordenação de dois docentes do Departamento de Educação do IBILCE/UNESP.

Após o contato por mensagem, em que foi esclarecido sobre a pesquisa e por que os jovens foram selecionados para responder, aos que aceitaram participar foi enviado um *link* do *Google Forms*, e assim foram adquiridas as informações. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE compunha a primeira página do formulário, em que foram explicados os objetivos da pesquisa e os critérios éticos.

Dessa forma, este artigo é um recorte de uma pesquisa ampla, que foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unesp, sendo aprovado no dia 21 de novembro de 2019, sob o parecer de número 3.717.853. Foi necessário mudar a coleta de dados para uma coleta virtual, por conta da situação de pandemia da COVID-19. Em vista disso, foi enviada uma emenda ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unesp, relatando as mudanças necessárias do método, que também foi aprovada.

1. Levantamento bibliográfico

O levantamento bibliográfico foi realizado na base de dados do Repositório UNESP. Em busca avançada com o descritor “educação sexual”, com os filtros artigos em português e publicações entre os anos 2018 e 2022, o resultado da busca foi um total de 520 publicações. Acrescentando-se a palavra-chave “escola”, o resultado apontou 13 artigos, dos quais foram selecionados 4, após análise, que apresentavam maior compatibilidade com a pesquisa. Isso permitiu abordar com mais precisão o assunto, suas concepções, políticas, avanços e retrocessos.

No texto “Gênero, sexualidades e educação: cenário das políticas educacionais sobre os direitos sexuais e reprodutivos de jovens e adolescentes” (BRABO; SILVA; MACIEL, 2019), busca-se refletir sobre gênero e sexualidade nas políticas educacionais brasileiras, por meio de revisão bibliográfica e documental, evidenciando a importância da educação sexual. Após análise dos documentos, concluímos que, apesar de estarmos evoluindo nesse campo, com a pressão dos movimentos reacionários, esses direitos estão em constante questionamento em face do contexto vivenciado no Brasil.

No artigo “Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura” (FURLANETTO et al., 2018), realizou-se a revisão de 24 artigos entre os anos de 2010 e 2016, destacando-se como temas: desenvolvimentos das práticas, contribuições políticas (direitos humanos, liberdade

sexual, saúde e educação), questionamentos da realização e efetividade das práticas, conduta discriminatória dos professores e implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. Concluiu-se que, ainda que tenham se passado 20 anos dos PCN, as ações ainda não atingiram o esperado, de modo que é preciso capacitar profissionais e repensar os processos, impedindo que se consolide uma internalização dos preconceitos em crianças e adolescentes.

Lucifora et al. (2019), no artigo “Marcas sociais de nossos tempos: gênero, sexualidade e educação em âmbito escolar”, discutem a questão de gênero de maneira histórica, a partir da aquisição de falso poder que a mulher adquiriu com o passar do tempo e com a questão da diferença da criação e da reafirmação do sexo desde a gestação.

O texto usa o exemplo do chá de bebê para afirmar a prática, como se essa separação homem/menino e mulher/menina fosse natural, e os docentes que já carregam ideais construídos com o passar da vida podem reafirmar também essa naturalização; a partir daí, aborda sobre a educação infantil e a inserção do tema nas escolas, e sua problemática com a família. Em vista de que estigmas estão impostos na sociedade, evidencia-se também o quanto é falha a compreensão de que os sujeitos têm comportamentos opostos não por sua anatomia, mas em virtude de sua cultura.

Diante dos questionamentos que os autores trazem a respeito das preocupações dos cuidadores no contexto brasileiro (sobre como se estimularia o interesse por este assunto, e que seria um direito só da família), foi trazido o exemplo da religião. Neste ponto, indivíduos que seguem a bíblia e condenam condutas sexuais que fogem à norma acreditam que haja tratamentos para isso. Outro ponto que os autores explicitam é a conquista de um espaço pelas mulheres, na função de trabalhadora, saindo do confinamento do lar. Porém, a mulher adquire uma função de jornada dupla - trabalhadora e do lar -, sem a participação efetiva do homem na vida doméstica.

Nesse viés, mulheres conquistaram o direito de trabalhar, mas os homens, por sua vez, não mudaram suas mentes sobre a necessidade de apoiar os cônjuges, dividir tarefas domésticas, entre outras atividades. Assim, surge a necessidade de os docentes, nessa conjuntura de transformação, pensarem criticamente sobre a temática.

O artigo intitulado “A importância da educação sexual na formação de professores: o projeto laboratório de educação sexual *Adolescer* e a intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar”, de autoria de Brittos, Santos e Gagliotto (2013), evidencia o Projeto Laboratório de Educação Sexual *Adolescer* junto à Escola Oficina Adelíria Meurer, no município de Francisco Beltrão – Paraná. A temática é a sexualidade, educação sexual, psicanálise e cultura. Pautando-se na pesquisa da dra. Mary Neide Damico Figueiró, autora da obra “Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível”, foram tratados assuntos relacionados a: afetividade, desejo, família, namoro, masturbação, virgindade, aborto, gênero, homossexualidade, relação com o corpo, sexo, prevenção de ISTs e AIDS, gravidez e pornografia.

O artigo traz a importância da formação de educadores sobre a temática, e o projeto em pauta buscou criar um espaço de troca de experiências entre alunos e professores; explicitou a concepção de educação sexual; de educar o indivíduo para desenvolver uma autonomia sem opressão, preconceito ou violência.

Os autores também tratam da importância de os educadores trabalharem junto aos educandos o resgate de gênero – ponderar a necessidade de reavaliar os papéis sociais e viabilizar a sua mudança, buscando o bem-estar, o crescimento pessoal, a felicidade de ambos e o “resgate erótico” (encarar a sexualidade como algo bonito na vida dos indivíduos e quebrar o estigma que é algo feio e sujo).

Concluindo, salientou-se que não é uma tarefa fácil, mas o docente deve estar comprometido com o desenvolvimento integral dos discentes, pois, ao se falar abertamente sobre sexo e sexualidade, colabora-se para uma formação de valor para que se possa sanar todas as dúvidas, curiosidades e medos que rodeiam o tema.

2. Análise das Entrevistas

Para a apresentação dos resultados, utilizamos as letras M para identificar os jovens do gênero masculino e F para as jovens do gênero feminino.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados.

Participante	Idade	Orientação sexual	Estado civil	Escolaridade	Profissão/Formação
1.M	21	Heterossexual	Solteiro	Ensino superior cursando	Logística Fisioterapia
2.F	21	Bissexual	Namorando	Ensino médio Completo	Social media
3.F	20	Homossexual	Solteiro	Ensino médio Completo	Autônomo
4.M	23	Homossexual	Solteiro	Ensino superior Cursando	Ciências Biológicas - licenciatura
5.F	21	Heterossexual	Solteiro	Ensino superior cursando	Medicina Veterinária
6.M	22	Heterossexual	Solteiro	Ensino superior cursando	Nutrição
7.M	22	Heterossexual	Solteiro	Ensino superior cursando	Logística
8.F	21	Heterossexual	Solteiro	Ensino técnico cursando	Secretária de clínica
9.F	23	Heterossexual	Solteiro	Ensino superior completo	Medicina Veterinária
10.F	18	Panssexual	Solteiro	Ensino médio completo	Desempregada
11.F	20	Heterossexual	Solteiro	Ensino superior cursando	Direito
12.F	18	Heterossexual	Solteiro	Ensino médio completo	Curso para polícia
13.F	20	Heterossexual	Solteiro	Ensino médio completo	Empresária
14.F	23	Bissexual	Solteiro	Ensino superior cursando	Letras Professora estagiária
15.F	25	Homossexual	Solteiro	Ensino médio completo	Bartender
16.F	25	Heterossexual	Solteira	Ensino superior completo	Professora de matemática
17.M	25	Heterossexual	Namorando	Ensino superior completo	Gastrônomo

Fonte: As autoras. Dados da entrevista.

Foram ignorados os gêneros, pois todos se identificam com os gêneros correspondentes ao sexo biológico e, ainda, todos se enquadravam como bolsistas PIBIC/EM- CNPq.

Realizamos a análise das respostas dos participantes. Na questão 1. *Conte como foi a experiência de educação sexual da qual participou*, todos disseram que a experiência foi positiva e de aprendizado, tanto para cuidado de si como voltado para transmitir o conhecimento adquirido a outros jovens. As falas dos participantes a seguir são exemplos:

Foi com o E aí?! na escola onde estudei, Jamil Khauan, e foi muito enriquecedor, pois adquiri senso crítico e bastante conhecimento que eu não imaginava sequer existir. (8-F)

A educação sexual que eu tive com o projeto “E aí, Jamil?” Foi incrível. Com o projeto aprendi muito, quebrei diversos tabus relacionados a sexualidade, aprendi sobre as ISTS, sobre os métodos contraceptivos, entre outros assuntos que não são abordados de uma forma tão didática e clara como era no projeto. (11-F)

Particpei do projeto “E aí?!” durante o ensino médio, quando estudava na E.E. Prof. Jamil Khauan. A experiência foi muito positiva porque ampliou minhas concepções acerca do amplo tema que é a sexualidade. Além disso, o projeto possibilitou perspectivas quanto ao ingresso na Universidade. (14-F)

No projeto do qual fiz parte, aprendi a importância e os benefícios que a sexualidade saudável traz. Sendo assim, comecei a conhecer e entender melhor meu próprio corpo, vontades e acima de tudo o respeito sobre mim e com quem vim a me relacionar. (1-M)

Sobre esses relatos do projeto como algo significativo na vida destes participantes, em pesquisa realizada por Dos Santos et al. (2021), sobre a implementação da educação por pares para prevenção de HIV entre adolescentes, utilizando-se dos alunos como multiplicadores, notou-se, em reuniões, que adotar métodos pedagógicos com adolescentes na instituição de ensino permitiu que os jovens se tornassem agentes de conscientização. Neste sentido, promoveu-se a disseminação de informações acerca da prevenção do HIV. Foram realizados exercícios de autorreflexão sobre temáticas de interesse dos alunos participantes, motivando a curiosidade e esclarecendo as dúvidas dos adolescentes sobre medos e inseguranças sobre HIV/Aids e formas de preveni-lo.

Ainda que esses encontros tenham sido realizados em curto período, foi possível despertar a atenção dos adolescentes, que se interessaram para ouvir e participar das discussões sobre as temáticas trabalhadas nos encontros. Assim, também notamos nos relatos dos participantes do projeto “E aí?” o impacto positivo dessas vivências em suas vidas.

Na questão 2. *Você aprendeu algo importante nessa experiência? Se sim, o quê? Se não, o que poderia ter aprendido?*, ficou evidente que o maior aprendizado foi relacionado à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, autocuidado e respeito à diversidade. Como exemplos, os participantes evidenciam:

Aprendi que sexualidade não tem só a ver com métodos contraceptivos e IST's, mas que a sexualidade engloba um conjunto de assuntos amplo que suscitam questões pessoais e sociais trazidas desde a infância, como autoestima, papéis sociais, representatividade, privilégios, entre outras coisas. (8-F)

Aprendi sobre a importância de trabalhar a temática de educação sexual nas escolas, que existem muitas informações equivocadas que precisam ser desmentidas. Aprendi muito sobre as diferenças entre sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero, e que devemos sempre respeitar cada diversidade. (4-M)

Durante minha participação no projeto, pude angariar importantes descobertas. Acredito que a mais valiosa delas foi aprender a discutir temas relacionados à sexualidade sem o peso de preconceitos e tabus que hoje vejo como inimigos da educação sexual. (14-F)

Os relatos enfatizam a importância de desmistificar informações equivocadas sobre a sexualidade que, muitas vezes, circulam na sociedade. Isso ressalta o papel fundamental da escola em fornecer informações precisas e baseadas em evidências, contribuindo para uma compreensão mais correta da sexualidade e combatendo estereótipos, mitos, tabus e preconceitos (LINO; AYUB, 2014).

Também, destacam a importância da educação sexual nas escolas e, de forma geral, refletem o impacto positivo que a conscientização sobre temas relacionados à sexualidade pode ter nos adolescentes. Os participantes reconhecem que a aprendizagem vai além dos aspectos puramente biológicos e de prevenção de ISTs, pois abrange uma gama de tópicos amplos e complexos que desempenham um papel crucial na vida dos jovens.

O último relato destaca a importância de promover discussões sem preconceitos e tabus em torno da sexualidade. Isso sublinha a necessidade de superar as barreiras culturais e sociais que muitas vezes inibem a educação sexual eficaz. A abertura para abordar tais tópicos de maneira franca e sem julgamentos é crucial para garantir que os adolescentes recebam a educação de que necessitam, para então tomarem decisões informadas e saudáveis em relação à sua sexualidade.

Quando questionamos, na questão 3. *Depois dessa experiência, você se sente capaz de viver sua sexualidade de modo mais seguro, prazeroso e saudável? Por quê?*, todas as respostas são afirmativas, sempre exaltando o que foi trabalhado no projeto que mais impactou na formação de cada um. Dentre os relatos, chamaram a atenção os descritos a seguir, à medida que cada um aponta uma esfera diferente que é trabalhada dentro da educação sexual, bem como a naturalização do assunto, os métodos contraceptivos e o direito de todos o usarem, e, ainda, a representatividade:

Sim, pois a informação sobre vários assuntos de forma natural, me deixa mais à vontade perante o meu corpo, e o tratar com maior naturalidade (9-F)

Sim! Porque o projeto me possibilitou conhecer mais acerca de métodos contraceptivos e de meu direito a eles, além de permitir uma ampliação de perspectivas acerca do direito à sexualidade. (14-F)

Sim! A conscientização e representatividade é muito importante, principalmente levando em consideração que os pais/família quase sempre não nos ensinam nada sobre isso (15-F)

Com certeza, porque percebi que diversos temas que são considerados “tabus” pela sociedade, na verdade são naturais e benéficas para a saúde humana. (16-F)

As respostas afirmativas dos participantes à pergunta sobre a capacidade de viver sua sexualidade de forma mais segura, prazerosa e saudável após a experiência no projeto refletem o impacto positivo da educação sexual abrangente. Cada um destaca aspectos diferentes, como a naturalização

do assunto, o conhecimento sobre métodos contraceptivos e o direito de todos a eles, bem como a importância da representatividade.

Isso demonstra a diversidade de tópicos abordados no projeto, contribuindo para a formação completa dos jovens e para a promoção de uma abordagem mais aberta e saudável em relação à sexualidade. Em trabalho publicado por Frutuoso (2020), concluiu-se que a educação sexual promove a saúde, sendo um eixo estratégico no empoderamento e na capacitação do adolescente para uma sexualidade saudável.

Um dos intuitos do projeto de extensão em tela é tornar os jovens participantes multiplicadores das informações que aprendem ao passar das reuniões. Para investigar se esse objetivo foi atingido, questionamos- 4. *Depois dessa experiência, você se sente capaz de auxiliar ou ensinar seus pares em questões e situações relacionadas a sexualidade humana? Por quê?* As respostas afirmaram que o objetivo foi atingido e todos se sentem capazes de auxiliar seus pares. Citando algumas das suas experiências, destacamos duas:

Sim já ajudei muita gente tanto na época com a distribuição de camisinha e passando os ensinamentos que aprendi quanto ainda hoje repasso o que eu sei sobre o assunto (3-F)

Sim. Durante o próprio projeto, fomos multiplicadores de conhecimento na comunidade escolar, onde não era raro que colegas procurassem por preservativos e informações conosco. Sinto que a experiência do projeto me ensinou a lidar com outras individualidades com muito respeito e que isso espelhou em meus pares maior conforto para conversar acerca da sexualidade sem constrangimentos. Para isso, claro, foi fundamental o suporte de informações que o projeto ofereceu. (14-F)

Os relatos dos participantes demonstram claramente que o objetivo de os transformar em multiplicadores de informações sobre sexualidade foi alcançado com sucesso. Eles se sentem capazes de auxiliar e ensinar seus pares, destacando experiências passadas, nas quais distribuíram preservativos e compartilharam conhecimentos adquiridos no projeto. Essa capacidade de influenciar positivamente suas comunidades escolares reflete a eficácia do programa em capacitar jovens para abordar questões de sexualidade com respeito e conforto, criando um ambiente mais aberto e educativo para todos.

Em busca de entender a importância do tema trabalhado nos encontros, a questão 5. *Em algum momento de sua vida, fora ou dentro da escola, você usou o conhecimento que construiu durante a participação no projeto? Descreva brevemente a situação, trouxe a constatação de que, de fato, os conhecimentos adquiridos foram usados pelos participantes do projeto. Seja com os pares ou para sua vida, as informações foram úteis e agregaram às suas vivências, a exemplo de algumas dessas experiências relatadas nas respostas dos participantes 3-F, 15-F e 17-M:*

Sim, um exemplo e uma amiga minha que veio falando que não queria engravidar, mas não usava camisinha só anticoncepcional eu expliquei que a caminha não serve só para não engravidar que uma das importâncias da mesma e evitar a contaminação por IST. (3-F)

Sim, o projeto me ensinou a falar com naturalidade de assuntos que deveriam ser tratados como tal, todos deveríamos aprender isso na escola! Sempre conversei e tirei dúvidas de amigos ou procurei ajudar a entender sobre algo relacionado a sexualidade (15-F)

Sempre me orgulhei muito de ter participado desse projeto, e vários amigos sabiam da minha participação. Então em rodas de amigos, sempre orientei eles com as dúvidas. É para benefício próprio ao longo da vida, sempre vou utilizar esse conhecimento. (17-M)

Esses relatos destacam de forma convincente como a educação sexual não apenas informa, mas também capacita os jovens a aplicar seus conhecimentos em suas vivências. Eles se tornam defensores do uso de métodos contraceptivos e da prevenção de ISTs, promovendo conversas abertas e esclarecendo dúvidas entre amigos. Essa evidência prática sublinha a relevância vital da educação sexual nas escolas para o desenvolvimento de uma geração mais consciente e responsável em relação à sexualidade, ou seja, no desenvolver da autonomia sexual (CAMPOS, 2015).

Contudo, a questão 6. *O que você entende por sexualidade humana?* foi a primeira que trouxe respostas diferenciadas, mas todas no sentido de sexualidade saudável e identificação como indivíduo, já que ela é aberta para interpretações e cada um tem uma concepção diferente do que significa. Isso já era esperado e, como exemplo, destacamos duas respostas:

Sexualidade humana é um conceito complexo que envolve todas as questões relacionados ao relacionamento sexual, mas não apenas o ato em si, mas como nos identificamos como pessoas, o que nos deixa confortável, o que nos dá prazer e o que precisamos para sermos felizes (4-M)

Entendo sexualidade humana como um tema amplo e de difícil definição, mas que reúne um conjunto de aspectos constituintes da própria identidade de cada indivíduo. (14-F)

Sobre definições de sexualidade humana, o documento Saúde Sexual de Adolescentes da Organização Pan Americana de Saúde – OPAS do Ministério da Saúde (BRASIL, 2017) explicita:

A saúde sexual é um estado de saúde física, emocional, mental e de bem-estar social em relação à sexualidade. A sexualidade, por sua vez, é um aspecto central do ser humano ao longo de toda sua vida e nela estão circunscritos elementos relativos ao sexo, às identidades e aos papéis de gênero, à orientação sexual, ao prazer, à intimidade e à reprodução. A Organização Mundial de Saúde (OMS) entende a sexualidade como sendo influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais (p.22)

Logo, apreendemos que as definições dos participantes se aproximam do conceituado pela OPAS. Quando perguntamos 7. *O que, para você, é sexo seguro?*, a maioria dos respondentes relacionou-o com a prevenção de DSTs/ISTs e métodos contraceptivos e, também, é notável a preocupação com o consentimento nas relações, bem como afirmam os participantes 14-F e 4-M:

Em minha concepção, sexo seguro é aquele realizado com a segurança da não transmissão de ISTs, com uso de preservativo.*

**partindo do pressuposto de que sexo presume consentimento. (14-F)*

Sexo seguro é a relação sexual que não oferece nenhum tipo de risco a saúde (tanto físico quanto mental) e não oferece algum risco de uma gravidez indesejada no momento. (4-M)

Nas respostas, percebemos que um paradigma de sexo seguro se refere à prática de atividade sexual de forma a minimizar ou eliminar o risco de contrair infecções sexualmente transmissíveis (IST) e de prevenir gestações não planejadas. Isso envolve o uso consistente de contraceptivos, como preservativos e o acesso a informações qualificadas sobre prevenção de IST e gravidez.

Sexo seguro também está relacionado ao respeito pela autonomia e cuidado mútuo entre os parceiros sexuais. Para alcançar essa prática, é essencial que os adolescentes tenham acesso à educação

sexual abrangente, informações precisas e políticas públicas que incentivem a prevenção e a promoção da saúde sexual e reprodutiva (BRASIL, 2017).

Já na questão 8. *O que, para você, é sexualidade prazerosa?*, foi desvinculada a sexualidade com as ISTs, e todas as respostas trabalharam o mesmo sentido de relação sexual consentida e satisfatória. A resposta do participante 17-M resume bem todas as outras:

A sexualidade prazerosa é quando ambos, o casal está se sentindo confortáveis, sabendo se comunicar entre si, sabendo como respeitar o limite de casa um sem forçar o outro a fazer nada não desejado. Ou seja, aproveitar o momento no máximo, sem ansiedade, sem preocupação, se comunicando e se inspirando no que seu par deseja, de uma maneira em que os dois se sintam à vontade. (17-M)

Também, similarmente à anterior, na pergunta 9. *O que, para você, é sexualidade saudável?*, a maioria das respostas é relacionada a consentimento e uso de métodos contraceptivos. Duas respostas chamaram a atenção por trabalhar de maneira mais ampla a pergunta, mostrando o autocuidado ensinado nas reuniões:

Acredito que a base da sexualidade saudável seja a informação, pois é ela que garante a possibilidade de experiências seguras e prazerosas sem problemas como doenças, gestações indesejadas, envolvimento abusivos.

Além disso, vejo o acesso à informação como o melhor caminho na construção do respeito por uma sociedade diversa em todos os níveis, inclusive o sexual. (14-F)

Sexualidade saudável, vem desde a prevenção, até sua higiene pessoal. O autoconhecimento da sexualidade em si, já gera uma vida mais saudável. Podemos dizer que a sexualidade saudável gera a satisfação, a autoestima e o prazer sexual. E influenciam a nossa vida, tanto no nosso bem-estar, e em um relacionamento saudável! (17-M)

Tanto nos excertos de respostas da questão 9 quanto da 10, os relatos remetem aos conceitos de sexualidade levantados por Campos (2015): a sexualidade é uma manifestação cultural que vai muito além da capacidade reprodutiva. Ela desempenha um papel significativo no desenvolvimento humano, pois, além de estar relacionada ao potencial reprodutivo, também está intrinsecamente ligada à busca pelo prazer, uma necessidade fundamental de todas as pessoas.

Do ponto de vista da Psicologia, a sexualidade se manifesta em diferentes formas ao longo de toda a vida, desde o nascimento até a morte. Portanto, a sexualidade não se limita ao ato sexual em si; envolve o afeto, o contato, os gestos e as palavras que proporcionam prazer nas interações entre pessoas, desde antes do nascimento, durante a infância e ao longo de toda a vida. À medida que crescemos, também descobrimos o prazer ligado ao contato sexual, seja através da exploração individual ou na intimidade com outras pessoas. Essa forma de expressar a sexualidade se soma às outras formas de interação que já experimentamos desde a infância, contribuindo para o desenvolvimento da sexualidade adulta.

Em busca de entender como foi a importância do projeto na vida dos ex-participantes, foi questionado: 10. *Você gostaria de participar novamente de uma experiência de educação sexual? Por quê?* Apenas uma resposta foi negativa quanto a isso, e o restante respondeu positivamente, afirmando a importância do projeto em suas vidas. Alguns exemplos são:

Com certeza! Porque mudou a minha vida, de modo que entendo que me tornei o que sou hoje por ter participado do E AÍ?! Além de saber da importância que isso traz para a vida de todos os adolescentes (16-F)

Essas oportunidades são incríveis e exemplos para abrir novos projetos. Participaria sim novamente do projeto ☺ Acredito que a educação nunca para! (2-F)

A resposta negativa se justificou pela falta de tempo e não de interesse. O restante foi capaz ver a empolgação relacionada ao tema, quando questionados sobre seu interesse, como exemplificado nas citações acima, ao se acreditar que seja um dos principais incentivadores para continuar esse projeto e expandi-lo mais.

Outro dado interessante foi encontrado no perfil dos participantes da pesquisa, sendo que, até a data da realização da pesquisa, nenhum deles tem filhos, podendo relacionar a importância do contato com a educação sexual para também evitar gravidez indesejada, tendo acesso a informações para autocuidado.

Conclusões

A Educação Sexual, para além do ensino conteudista de prevenção de ISTs/HIV e gestação, mas envolvendo atividades reflexivas, que visam a construção da autonomia sexual, mostrou realmente impactar o modo como os estudantes participantes lidam com sua própria sexualidade e o autocuidado.

Notamos que a abordagem da formação de multiplicadores entre pares com princípios no desenvolvimento da autonomia, com base na psicologia da moralidade, foi o diferencial na formação atitudinal desses jovens. Assim, verificamos a importância de projetos que abordam a temática de maneira mais ampla do que apenas a da reprodução; visando o desenvolvimento da autonomia dos alunos, fazem-se necessárias as discussões sobre sexualidade relacionadas aos direitos sexuais dos adolescentes, vulnerabilidade e autonomia sexual (CAMPOS, 2015).

Na pesquisa bibliográfica, constatamos a falta de artigos relacionados ao tema que almejávamos abordar, além dos artigos existentes terem explicitado a falta de profissionais capacitados para validar os documentos que trazem o tema como fundamental nas escolas. Contudo, podemos associar a relação negativa da sociedade com o tema e sua história: por muitas décadas, nem se podia falar sobre sexualidade, de modo que estamos apontando a importância de se estudar e se garantir o acesso à informação. Portanto, a naturalização dela é necessária para formação integral do ser humano.

Enfim, abre-se uma nova questão, que é a necessidade de, cada vez mais, escolas serem adeptas a este projeto, mais recursos serem disponibilizados, considerando o impacto positivo na vida desses jovens. Assim, podemos expandi-lo para que mais adolescentes tenham acesso, uma vez que a sua eficácia foi demonstrada por meio das entrevistas.

Referências

- ALMEIDA, V.B.; SILVA, R.C.; VIEIRA, A.C.S. Fortalecendo a educação sexual desde a infância: ações para conscientização e prevenção da violência sexual infantil. **GEPNEWS**, Maceió, v.5, n.1, p.473-480, jan./mar. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Thays/Downloads/12955-Texto%20do%20Artigo-49993-1-10-20210830.pdf> Acesso em: 20 out. 2023.
- AYRES, J.R.C.M. Adolescência e AIDS: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares, **Interface**, v. 7, n.12, p.113-28, 2003.
- AYRES, J.R.C.M. Educational practices and the prevention of HIV/Aids: lessons learned and current challenges, **Interface Comunic Saúde Educ**, v.6, n.11, p.11-24, 2002.
- BRABO, T. S. A. M.; SILVA, M. E. F. da; MACIEL, T. S. Gênero, sexualidades e educação: cenário das políticas educacionais sobre os direitos sexuais e reprodutivos de jovens e adolescentes. **Práxis Educativa**, [S.l.], v. 15, p. 1-21, 2019. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.13397.003.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde e sexualidade de adolescentes**. Organização Pan-Americana da Saúde, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 3 jun. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids**. n.especial, dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens**. Brasília, DF, 2006.
- BRASIL. Projeto de Lei no 246/2019. Institui o “Programa Escola sem Partido”. Brasília, DF, 4 fev. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2KTd9L7>. Acesso em: 20 ago. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Análise epidemiológica da violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**, 2011 a 2017. Brasília, DF, jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2UnBZFO>. Acesso em: 30 mar. 2023.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania **Ministério divulga dados de violência sexual contra crianças e adolescentes**. Brasília, 18 maio 2020, 11h44. Atualizado em 01/11/2022 14h51. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes> Acesso em: 23 ago. 2023.
- BRITTOS, E. S.; SANTOS, A. B.; GAGLIOTTO, G. M. A importância da educação sexual na formação de professores: O projeto Laboratório de educação sexual adolecer e a intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar. Edição Atual. In SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 3., 2-13. Maringá. **Anais [...]**. Maringá: UEM, 2013.
- CAMPOS-SANTOS, T. E. **Jacob(y), “entre os sexos” e cardiopatias, o que o fez Anjo?** São Paulo: Scortecci, 2020.
- CAMPOS, T.E de. **Educação sexual e autonomia: Estudo de uma intervenção com alunos do ensino médio do Interior do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, SP, 2015.

CAMPOS, T.E de; MARTINS, R. A. Análise das questões da caixa de dúvidas sobre sexo de uma escola de ensino médio. **Colloquium Humanarum**, v. 11, n. Especial, p. 753-760, jul./dez. 2014. ISSN: 1809-8207. DOI: 10.5747/ch.2014.v11.nesp.000599

CNPQ. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio – PIBIC – EM**. em 2021. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/pibic-ensino-medio>. Acesso em: 18 jun. 2023.

DAGUA, S.V.N.L.; MARTINS, R.A.; PARRA, A.C.S.; ZAHRA, H.; LOMBARDI, L.S.; CAMPOS, T.E. de; SILVA, I.A. Projeto E aí Justino conversando sobre sexualidade com estudantes do ensino médio. In: COLVARA; OLIVEIRA (org.). **Núcleos de Ensino da Unesp**. 1.ed. v. 1. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 128-139.

DOS SANTOS, F. N. C.; SILVA, B. C. O. da; BARRETO, V. P.; COSTA, F. H. da R.; MEDEIROS, E. R. de; FEIJÃO, A. R. Educação por pares para prevenção de HIV/Aids entre adolescentes. **HU Revista**, [S. l.], v. 47, p. 1-7, 2021. DOI: 10.34019/1982-8047.2021.v47.33904. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/33904>. Acesso em: 20 out. 2023.

GÓES, E. F. et al. Desigualdades raciais nas tendências da maternidade adolescente e no acesso ao pré-natal no Brasil, 2008-2019. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 1, e8312139404, 2023 (CC BY 4.0) ISSN 2525-3409 DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v12i1.39404> 1

FRUTUOSO, A.M.C. Educar é Prevenir: Sexualidade saudável na Adolescência. **Dissertação** (Mestrado em Enfermagem) - Instituto Politécnico de Porto Alegre. Escola Superior de Saúde. Universidade de Évora. Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus, Porto Alegre, 2020.

FURLANETTO, M. F.; LAUERMAN, F.; COSTA, C. B.; MARIN, A. H. Educação sexual em escolas brasileiras: Revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v.48, n.168, p.550-71, 2018. doi:10.1590/198053145084

LINO, C.E.G.; AYUB, C.L.S.C. Educação sexual: Reflexões, Mitos e Preconceitos. In: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE**, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uepg_bio_artigo_carlos_eduardo_godoi_lino.pdf Acesso em: 20 out. 2023.

LUCIFORA, C. de A.; REINA, F. T.; MUZZETI, L. R.; SILVA, R. A. da. Marcas sociais de nossos tempos: gênero, sexualidade e educação em âmbito escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v.14, n. esp. 2, p.1395-1409, jul. 2019. E-ISSN:1982-5587. DOI 10.21723/riaee.v14iesp.2.12607.

MARTINS, R.A.; RIBEIRO, C.F.; CRUZ, L.A.N. Depressão e consumo de álcool em adolescentes: análise da produção no período de outubro de 2008 a março de 2017. **Rev. Aten. Saúde**, São Caetano do Sul, v. 17, n. 60, p. 91-100, abr./jun. 2019 Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/5250/pdf Acesso em: 10 ago. 2023.

RIBEIRO, P. R. M. **Sexualidade e educação**: aproximações necessárias. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

WEREBE, M. J. G. A implementação da educação sexual no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 26, p. 21-27, set. 1978.